

INDICAÇÃO DO PROFESSOR MAURO WILLIAM BARBOSA DE ALMEIDA PARA O PRÊMIO MEDALHA ROQUETTE PINTO DA ABA, Edição 2024¹

Sinto-me honrada em apresentar a indicação do professor Mauro William Barbosa de Almeida para o Prêmio Medalha Roquette Pinto da Associação Brasileira de Antropologia na sua edição de 2024. Conheço o Professor Mauro Almeida desde o meu ingresso na Unicamp como estudante de mestrado em 1984 e lá se vão 40 anos. Mauro Almeida é docente na Universidade Estadual de Campinas há 47 anos, desde 1977 - mesmo com a sua aposentadoria em 2013 continua atuando como professor-colaborador, ministrando aulas e orientando pós-graduandos/as em Antropologia e Ciências Sociais. Também atua como pesquisador do Centro de Estudos Rurais, CERES, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

Antropólogo erudito, seus escritos trazem contribuições inovadoras para os debates em torno da economia política, da dialética marxista, da antropologia estrutural, das questões epistemológicas concernentes ao relativismo e, mais recentemente, aos conflitos ontológicos, neste momento em que a vida na terra é atravessada por alterações drásticas e que a pressão predatória vem ameaçando muitas existências. Ainda é preciso mencionar suas contribuições para a antropologia rural, sobretudo, com os debates em torno das comunidades tradicionais, campesinato, agrobiodiversidade e sustentabilidade.

O professor Mauro Almeida pratica o que tão bem o antropólogo Bruce Albert (1995) qualificou de “antropologia implicada”, em referência à prática de pesquisa e de produção de conhecimento compromissada intelectual e eticamente com as populações com as quais trabalhamos.² Nesse sentido, há que ser lembrada a sua atuação junto aos seringueiros no Acre, quando nos anos de 1980 participou da formalização do programa das Reservas Extrativistas, e da criação da Reserva Extrativista do Alto Juruá, a primeira criada no Brasil. O processo de criação das reservas extrativistas possibilitou a continuidade do modo de vida, em seus espaços territoriais, daqueles que, em sua tese de doutorado, Mauro Almeida nomeou de “camponeses da floresta”, uma população até então ignorada e invisibilizada. Certamente, a atuação do professor junto aos seringueiros contribuiu para torná-los visíveis acadêmica e politicamente nos cenários nacional e internacional.

Há ainda que ser lembrada a participação do professor Mauro Almeida na idealização da Universidade da Floresta, implantada em 2006, como um Campus Avançado da Universidade

¹ Documento elaborado por Emília Pietrafesa de Godoi, professora no Departamento de Antropologia da Unicamp e membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Antropologia. Sem pretender dar conta de toda a trajetória acadêmico-científica do Prof. Mauro William Barbosa de Almeida, o documento tem por objetivo fornecer subsídios que demonstrem as contribuições dadas pelo professor ao avanço da Antropologia com a sua produção de conhecimento teórico e etnográfico e o seu engajamento na defesa dos direitos dos povos e comunidades tradicionais.

² Albert, Bruce. 1995. “‘Anthropologie appliquée’ ou ‘anthropologie impliquée’? Ethnographie, minorités et développement”. In: J.F. Baré (ed.) *Les applications de l’anthropologie. Un essai de réflexion à partir de la France*. Paris: Karthala. p. 87-118 (publicado em português pela *R@u*, 14 (2), jul./dez. 2022: 179-217).

Federal do Acre, cujo propósito é aliar o conhecimento científico ao conhecimento tradicional das populações amazônicas. Neste mesmo período, em 2007, recebeu do governo do Acre o **Prêmio Chico Mendes de Florestania** em reconhecimento à sua contribuição para a efetivação de uma concepção de desenvolvimento sustentável, que para além de suas múltiplas dimensões – sociais, ambientais e econômicas - concebe a humanidade como parte da natureza e implica na garantia dos direitos dos habitantes da floresta, tal como expresso por meio do conceito de “florestania”, nascido do movimento social com Chico Mendes.

Aliar o conhecimento científico ao conhecimento tradicional é uma proposta que o professor Mauro Almeida vem realizando há décadas. Lembro-me ainda de, nos anos de 1990/início dos anos 2000, o Centro de Estudos Rurais da Unicamp ter contado com a presença de seringueiros, moradores-pesquisadores da Reserva Extrativista do Alto Juruá, que participavam como colaboradores em suas pesquisas. Parte dos resultados destas pesquisas, pode ser encontrada na *Enciclopédia da Floresta – o Alto Juruá: práticas e conhecimento das populações* (SP: Cia. das Letras, 2002), organizada por Mauro Almeida e por Manuela Carneiro da Cunha, uma **publicação premiada com a menção honrosa na edição de 2003 do Prêmio Jabuti**.

Junto a este esforço de colocar em cooperação o conhecimento científico e o conhecimento tradicional, encontra-se outra característica da atuação do professor Mauro Almeida - estimular vocações, formar equipes de pesquisas atuantes em vários campos, que não envolvem somente o bioma Amazônia. Para citar um projeto coletivo ainda em curso, coordenado pelo professor, menciono as pesquisas que vêm sendo realizadas nas bacias dos rios Xingu e Trombetas, no Pará, e na região da Juréia, no estado de São Paulo, no bioma Mata Atlântica, um projeto colaborativo com as populações locais, buscando evidenciar que a conservação dos biomas é compatível com a continuidade das comunidades em seus territórios tradicionalmente ocupados. E, ainda, eloquente do estímulo a novas vocações e, portanto, da sua contribuição à formação de novos pesquisadores e pesquisadoras em Antropologia Social são as premiações para dissertações e teses orientadas, como o **Grande Prêmio Capes de Tese** recebido em 2016.

A produção do professor Mauro Almeida sobre reservas extrativistas, comunidades tradicionais, sustentabilidade, ecologia da floresta, povos tradicionais e conservação é vasta, amplamente conhecida, divulgada em capítulos de livros e em revistas nacionais e internacionais, como nas prestigiadas *Current Anthropology*, *Journal of Latin American Anthropology*, *Mathematical Anthropology and Cultural Theory*, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, dentre outras. Além da mencionada *Enciclopédia da Floresta*, merece destaque o seu livro *Caipora e Outros Conflitos Ontológicos* (SP: Ubu Editora, 2021). Este último, talvez seja o livro mais eloquente sobre a diversidade dos temas trabalhados pelo professor e das diversas áreas de conhecimento que os seus estudos atravessam, revelando a importância dos aportes trazidos às ciências, de um modo geral, e à Antropologia, de maneira particular.

Comecei este escrito mencionando o antropólogo erudito capaz de atravessar campos distintos do conhecimento, e a matemática aí se inclui. Antropologia e matemática, frequentemente tidas como campos distantes, são aproximados em vários de seus escritos. Talvez o mais conhecido seja o artigo em que demonstra a importância da matemática e do raciocínio matemático na antropologia estrutural, “Symmetry and Entropy: Mathematical Metaphors in the Work of Lévi-Strauss”, *Current Anthropology*, v. 31, n. 4, 1990 (uma versão revisada deste artigo encontra-se no seu mais recente livro, já mencionado). Há muitos outros escritos, mas cito tão somente o capítulo “Matemática concreta”, que também se encontra no referido livro, *Caipora e outros conflitos ontológicos* (2021). Seu interesse e trânsito por áreas da ciência pensadas como distantes acontecem cedo; sabe-se que quando ainda graduando trabalhou como revisor e tradutor em uma editora especializada em literatura matemática e científica. O professor Mauro Almeida graduou-se em Ciências Sociais na FFLCH/USP, onde também obteve o seu mestrado em Ciência Política, orientado pela antropóloga, professora Ruth Cardoso. Doutorou-se em Antropologia Social pela Universidade de Cambridge no Reino Unido, em 1993, sob a orientação de Stephen Hugh-Jones. Realizou pós-doutorado na Universidade de Chicago (1996-1997) e na Universidade de Stanford (2000-2001). Voltou em 2006 à Universidade de Chicago, mas desta vez como professor visitante apoiado pela Fundação Tinker.

Eloquente também sobre a atuação do professor Mauro Almeida é a sua participação em Associações Científicas e em cargos representativos na Universidade à qual dedicou-se como docente e pesquisador em Antropologia e fora dela. Nesse sentido, é importante mencionar que o professor foi membro do Conselho Científico da Associação Brasileira de Antropologia, entre 2005 e 2009; membro do Conselho de Gestão do Patrimônio Genético (CGEN) como representante titular da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, entre 2005-2007; membro do GT Interministerial (MMA, MEC, MCT) encarregado de planejar a "Universidade da Floresta", implantada em 2006; membro do GT interministerial junto ao IBAMA, entre 1998 e 1999, como representante do Conselho Nacional dos Seringueiros, com a missão de regulamentar a figura das Reservas Extrativistas; também nos anos de 1990, foi Conselheiro do CONDEPHAAT, Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. No âmbito da Unicamp, foi chefe do Departamento de Antropologia, nos anos de 1995 e 1996; diretor do Centro de Estudos Rurais (CERES), entre 2003 e 2006 e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, entre 2006 e 2010.

Para não me estender além dos limites desta apresentação, observo, por fim, que a trajetória do professor Mauro Almeida tem sido generosamente partilhada com seus e suas estudantes e colegas de trabalho, que testemunham as contribuições teóricas e etnográficas inovadoras que o professor tem dado à Antropologia e o seu compromisso intelectual, político e ético com as populações com as quais trabalha.

São Paulo, 28 de março de 2024